



CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Fernanda Gonçalves Trotta

## **O SOL**

**Um jornal de resistência política ao golpe militar de 1964**

Rio de Janeiro

2013

Fernanda Gonçalves Trotta

## **O SOL**

**Um jornal de resistência política ao golpe militar de 1964**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Comunicação Social das Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA) como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, sob a orientação do Professor Fernando de Almeida Sá.

Rio de Janeiro

2013

Trotta, Fernanda Gonçalves.

O SOL: um jornal de resistência política ao golpe militar de 1964 / Fernanda Gonçalves Trotta. - Rio de Janeiro: FACHA, 2013.

37 f.

Orientador: Fernando Sá.

Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) FACHA, 2013.

# O SOL

Um jornal de resistência política ao golpe militar de 1964

Fernanda Gonçalves Trotta

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Comunicação Social das Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA) como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, submetida à aprovação da seguinte Banca Examinadora.

---

Professor Doutor Fernando de Almeida Sá (orientador)

---

Professor Doutor José Eudes de Alencar

---

Professor Doutor Pery Cotta

Data da defesa

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Rio de Janeiro

2013

Agradeço ao meu noivo, André Luiz Martins Cambeses, que me ajudou na revisão, ao ler e reler diversas vezes este trabalho. Agradeço a todos os professores da Facha, pelos ensinamentos, pelos momentos dedicados a compartilhar os conhecimentos que dispõem, não só no Jornalismo, mas também com suas experiências de vida. Agradeço, em especial, o professor Fernando Sá, que me orientou e se dedicou para que se tornasse possível esta monografia.

Dedico este trabalho a todos que acreditaram e lutaram por um Brasil melhor.

*Jovem é o Sol, mesmo se é noite.*

Reynaldo Jardim

## **RESUMO**

O jornal a ser estudado fez parte da imprensa alternativa no período pós-golpe militar de 1964. Em meio a mais de 150 jornais que surgiram na época, O SOL foi um periódico importante pela irreverência no formato e linguagem. O estudo apresentará uma análise do período de nascimento do jornal e seus precursores, além das principais matérias de esquerda veiculadas contra a ditadura e dos motivos do seu fim. A justificativa da pesquisa é o valor do periódico para o momento em que surgiu, o desenvolvimento crítico que deu aos seus leitores, em função das matérias de oposição ao governo e aos outros jornais concorrentes, e seu apoio a movimentos de esquerda, principalmente o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR).

## **Palavras-chave**

Jornal; Imprensa alternativa; Ditadura

## **Abstract**

The paper to be studied was part of the alternative press in the period military of 1964. In the midst of more than 150 newspapers that emerged at that time, O SOL was an important periodical by irreverence in the format and language. The study presents an analysis of the birth of the newspaper and its precursors, in addition to the main left material broadcast against the dictatorship and of the reasons for its demise. The justification of the research is the value of the journal for the moment arose, critical development which gave its readers, according to the opposition to the Government and to other competing newspapers, and his support for left-wing movements, mainly the Revolutionary Nationalist Movement (MNR).

## **Keywords**

Paper; Alternative press; Dictatorship

## **Sumário**

**Introdução, 8**

**Capítulo 1 – O brilho de O SOL, 10**

1.1. A geração de 1967/1968, 12

1.2. O Movimento Nacionalista Revolucionário, 15

**Capítulo 2 – As principais Manchetes de Oposição, 18**

2.1. CHE, 19

2.2. CHE pode estar vivo, 21

2.3. Jango traiu Vargas/Lacerda quer Brizola na FRENTE, 23

**Capítulo 3 – O fim do jornal, 26**

3.1. O Poder Jovem, 27

3.2. 1968, o ano do AI-5, 29

**Conclusão, 32**

**Referências bibliográficas, 35**



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por principal objetivo apresentar a história do jornal alternativo *O SOL*, que teve duração de apenas três meses durante a ditadura militar no Brasil e sua relação com o movimento de esquerda MNR (Movimento Nacionalista Revolucionário).

*O SOL*, embora seja pouco abordado em livros sobre a imprensa alternativa brasileira, era um jornal-escola de periodicidade diária que existiu no final da década de 1960, na cidade do Rio de Janeiro, e que teve como principais marcas a diagramação diferenciada e o uso de uma linguagem coloquial e irreverente. Apesar de sua curtíssima vida, *O SOL* teve fundamental importância para a imprensa brasileira da época. Basta ver que *O Pasquim*, que começou a ser editado em 1969 e durou até 1991, recebeu grande parte da redação de *O SOL*, dando a ele o título de precursor deste jornal que também se notabilizou como um veículo de resistência ao regime militar.

*O SOL* conseguiu reunir entre seus colaboradores grandes nomes da cultura brasileira, tais como Reynaldo Jardim, Ana Arruda Callado, Tarso de Castro, Henfil, Ziraldo, Antônio Callado, Caetano Veloso, Chico Buarque e Carlos Heitor Cony, entre outros. Sua linha editorial se caracterizava pela resistência política e cultural à ditadura implantada no Brasil depois do golpe militar de 1964. Mas, como sua existência foi rápida e, na época, surgiram mais de 150 jornais alternativos, acabou por cair no esquecimento.

Para contar essa breve, mas intensa história, o primeiro capítulo abordará o contexto histórico de quando *O SOL* começou a brilhar, momento em que o Brasil vivia uma repressão cultural e de censura à imprensa. Irá lembrar a geração de 1967/1968, que modificou o cenário do movimento estudantil, com manifestações em defesa da liberdade e pelo fim da ditadura. Este era exatamente o perfil do jovem que o jornal queria para compor a sua redação. *O SOL* ia para as bancas diariamente com objetivo de expor as ideias da, assim chamada, extrema esquerda estudantil.

A princípio, começou a circular como encarte do *Jornal dos Sports*, que era da família de Nelson Rodrigues e isso foi o que viabilizou as ideias de seus idealizadores. O *Jornal dos Sports* será brevemente apresentado ainda no primeiro

capítulo, além de esclarecido como foi esta parceria, que tinha como terceiro “sócio”, Leonel Brizola, líder do MNR, que utilizava a irreverência do jornal para difundir seus ideais e recrutava os estagiários do jornal para se engajarem no movimento político.

As principais manchetes veiculadas pelo jornal e que ratificam a sua linha editorial de esquerda serão apresentadas no segundo capítulo. O líder comunista Che Guevara, por exemplo, não saía da capa do jornal, tanto para exaltá-lo, quanto para desmentir opiniões divergentes sobre a sua atuação política.

Outro aspecto que também será estudado neste capítulo é a ligação do periódico com a Frente Ampla. Articulada naquele ano, a Frente tratava-se de uma aliança entre os partidos brasileiros de direita, centro e esquerda, representados pelo ex-governador Carlos Lacerda, e pelos seus antigos adversários e ex-presidentes Juscelino Kubitscheck e João Goulart, para tentar restabelecer a democracia no país.

Por fim, no capítulo 3, a pesquisa apresentará os motivos que determinaram a breve vida do periódico. Em janeiro de 1968 circulou o último número do jornal, mesmo ano em que foi decretado o Ato Institucional n. 5 (AI-5).

Este trabalho pretende mostrar que *O SOL* foi um veículo importante da imprensa alternativa brasileira, na medida em que, se tornou um importante porta-voz dos que na época lutaram contra a ditadura, colaborou definitivamente para o nascimento do famoso jornal *O Pasquim* e tornou-se fundamental para a sociedade brasileira da época, que carecia de um jornalismo inovador, de boa qualidade e livre das mordaças da censura.

## CAPÍTULO 1

### O BRILHO DE O SOL

O *SOL* brilhou nas bancas de revista no período entre 21 de setembro de 1967 a 06 de janeiro de 1968. Com apenas três meses e 16 dias de duração, o jornal conseguiu ficar marcado pela irreverência nas matérias assinadas por grandes nomes da cultura brasileira. A princípio, circulou como encarte dentro do *Jornal dos Sports*, e só passou a ser autônomo dois meses depois.

Mário Rodrigues Filho, irmão de Néelson Rodrigues, foi o proprietário do *Jornal dos Sports* no período de 1936 a 1966. Ao falecer, sua viúva Célia Rodrigues assumiu o comando, porém um ano depois da morte do marido, cometeu suicídio. Meses antes desta tragédia, decidiu conquistar outros leitores e aceitou a proposta de dois grandes jornalistas, o também poeta Reynaldo Jardim e Ana Arruda Callado.

Nessa época, Reynaldo Jardim trabalhava no *Jornal dos Sports*. O jornal tinha dois suplementos inovadores – *Cultura JS* e *Cartum* – e parecia aberto a novas ideias. O espírito de Mário Filho, um dinâmico incentivador de eventos, irmão do teatrólogo Néelson Rodrigues e do jornalista Paulo Rodrigues, já falecidos os três, continuava a frequentar o prédio de fachada cor-de-rosa da Rua Tenente Possolo, no Rio, onde o jornal funciona até hoje. Pois foi ali, naquele já distante e nada saudoso ano de 1967, que Reynaldo “bolou” *O Sol*. Ideia simples, como toda boa ideia: um jornal onde os editores fossem profissionais tarimbados e os repórteres fossem universitários, de preferência das Faculdades de Jornalismo. (Cláudio Lysias. Revista de Comunicação, 1987, p. 12)

O *Jornal dos Sports* (1931-2010) ficou famoso por suas páginas em cor de rosa e pelas diversas crônicas, assinadas por Mário Filho, que defendiam a construção do estádio do Maracanã para a Copa do Mundo de 1950<sup>1</sup>. Em 1967, com os pais falecidos, Mário Júlio Rodrigues passou a ser o responsável pelo periódico. Com o novo encarte, o *Jornal dos Sports* conseguiu abrir nova frente com o público jovem. Mas isso não durou muito tempo, dois meses depois, devido à pressão da ditadura, *O SOL* precisou brilhar sozinho.

Como era um jornal-escola, os estagiários passaram por um processo seletivo organizado em três fases: escrever uma redação sobre a nova moda da minissaia, fazer uma prova com perguntas sobre a atualidade e ser entrevistado. No final, com aproximadamente 40 aprovados, os estagiários foram automaticamente inscritos no

---

<sup>1</sup> Como homenagem, o estádio recebeu seu nome: Mário Filho.

curso intensivo de um mês, ministrado pelo jornalista Otto Maria Carpeaux, que, pouco tempo depois, se tornou conselheiro do jornal ao lado de Sérgio Lemos. Fernando Gabeira e Tarso de Castro também foram convidados a dar aulas no curso intensivo aos aspirantes a repórter, que podiam ter a chance de aprender com as inúmeras experiências dos dois jornalistas. Carpeaux foi forte opositor do golpe militar, participava de debates e eventos políticos. Neste período era o coeditor da “*Grande Enciclopédia Delta-Larousse*” ao lado de Antônio Houaiss.

Dentre os estagiários aprovados estavam Dedé Gadelha<sup>2</sup>; o depois professor Sérgio Gramático, que participava da editoria de polícia, então comandada pelo escritor e hoje imortal na Academia Brasileira de Letras Carlos Heitor Cony; o jornalista Cláudio Lysias e a diretora do documentário “*O SOL – Caminhando contra o vento*” e diagramadora Tetê Moraes. O periódico foi o primeiro a contar com um time de mulheres na diagramação, sob a supervisão de Jardim.

Também fizeram parte do projeto, o cineasta e jornalista Arnaldo Jabor, o cartunista Ziraldo, o jornalista e escritor Zuenir Ventura, a jornalista Vera Sastre, o artista plástico Daniel Azulay, que era responsável pelas aventuras do Capitão Sol e a produtora Martha Alencar, que assinava a parte de cultura. Além de o jornalista Ricardo Gontijo, responsável pela editoria de política nacional e do jornalista e escritor Nelson Rodrigues, que desenvolveu suas primeiras histórias infantis nas páginas do diário.

O cartunista Henrique de Souza Filho, mais conhecido como Henfil, trabalhou no *Jornal dos Sports* e no *O SOL*, onde pretendia publicar em 16 capítulos a história da Revolução Russa. A partir deste projeto e da maior parte das reportagens divulgadas no jornal, é possível perceber sua linha editorial. Explicar a Revolução Russa em pleno regime militar era um tanto provocador. Ou não foi o fim do processo desta Revolução que deu origem à União Soviética, primeiro país socialista do mundo?

Para explicar melhor o ambiente e cultura deste jornal, é preciso entender o que influenciava a juventude dos anos 1967/1968 que compôs não só a redação, mas também os leitores.

---

<sup>2</sup> Dedé Gadelha na época namorava Caetano Veloso, autor da música “Alegria, Alegria”, que cita *O SOL*. Caetano nunca confirmou que a música fazia referência ao jornal, apesar de ser frequentador assíduo da redação.

## 1.1 A GERAÇÃO DE 1967/1968

Tudo começou com a geração de 1967/1968. Sem ela o jornal nunca teria saído nas bancas, pois seus idealizadores eram envolvidos na luta política pela liberdade. Para falar desta geração, é necessário voltar três/quatro anos, o ano do Golpe Militar, 1964, mais precisamente no dia 01 de abril.

Após a renúncia de Jânio Quadros, João Goulart teve uma posse conturbada, que só foi aceita pelos militares e elites conservadoras, depois da imposição do regime parlamentarista.

Em 1961, quando Jânio Quadros renunciou, era o vice-presidente e viu-se vetado pelos ministros militares. Só assumira, depois de uma crise em que o país esteve perto da guerra civil, porque aceitara uma fórmula pela qual se fabricou um humilhante regime parlamentarista cuja essência residia em permitir que ocupasse a Presidência desde que não lhe fosse entregue o poder. (Elio Gaspari, 2002, p.47)

Em 1963, o presidente conseguiu aprovar um plebiscito que restituiu o regime presidencialista com 9,5 milhões de votos contra dois milhões. Entretanto, Goulart passou a não dispor de uma base de apoio parlamentar que fosse suficiente para aprovar seus projetos. A solução foi pressionar o Congresso Nacional por meio de constantes mobilizações populares, que geraram inúmeras manifestações públicas em todo o país. Ao mesmo tempo, a situação econômica regredia, o que provocou conflitos entre classes. O Brasil se via em uma enorme instabilidade.

Diante disto, o governo mobilizou setores das Forças Armadas, como forma de obter apoio político, servindo de estímulo para o avanço dos militares golpistas. Em 1964, a sociedade brasileira, as classes médias, as elites agrárias e industriais se voltaram contra o governo e abriram caminho para o golpe, encerrando o governo de João Goulart. Desta forma, os militares assumiram o poder.

O marechal Castelo Branco, à frente do primeiro mandato, deu início à promulgação dos Atos Institucionais, que tratavam da suspensão dos direitos políticos dos cidadãos, do fechamento dos partidos políticos; além da criação artificial de dois novos e únicos partidos: a Aliança Renovadora Nacional (Arena) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

Na economia, o governo proibiu greves e impôs severo controle dos salários, além de revogar a Lei de Remessa de Lucros e a Lei de Estabilidade no Emprego. Castelo Branco planejava transferir o governo aos civis no final de seu mandato,

mas setores radicais do Exército impuseram a candidatura do marechal Costa e Silva para sucedê-lo no poder.

Costa e Silva enfrentou os opositoristas, greves e o aumento de movimentos sociais de protesto, entre eles o movimento estudantil. Neste período, os grupos e organizações políticas de esquerda promoveram ações de guerrilhas urbanas para enfrentar a ditadura, entre elas sequestros de representantes diplomáticos de países estrangeiros – com o objetivo de resgatar presos políticos que estavam sendo torturados -, e assaltos a bancos – com o objetivo de obter recursos para continuar organizando e praticando atos de resistência política aos militares. O governo, então, sentiu-se ameaçado e radicalizou os atos institucionais para enfrentar os chamados por eles de subversivos.

Por outro lado e em meio à censura, o Brasil vivia o tropicalismo, um movimento cultural que surgiu com a influência das correntes artísticas de vanguarda e da cultura pop nacional e estrangeira, o que influenciou a geração de 1967/1968. A juventude buscava as raízes da cultura brasileira, aliados à ideia de modernização. Havia um questionamento da moral, dos costumes e do comportamento em uma sociedade ainda marcada pela tradição.

O quarto ano do governo militar foi marcado por uma onda de protestos. Políticos, líderes partidários e sindicais estavam presos, mortos ou exilados, ao mesmo tempo em que a tentativa de criar a Frente Ampla<sup>3</sup> fracassava. Um dos momentos mais marcantes na época foi o assassinato do estudante Edson Luís de Lima Souto<sup>4</sup> pela polícia, no Restaurante Calabouço, no centro do Rio de Janeiro. Seu enterro, que foi acompanhado por mais de 50 mil pessoas, representou uma resposta política da população e foi considerado uma afronta pelo governo militar. No Rio de Janeiro, em junho do mesmo ano, cerca de cem mil pessoas foram às ruas do centro e realizaram o mais importante protesto contra a ditadura até então.

Não só o Brasil, mas havia em vários países revoltas, críticas e reivindicações. Em 1968, os vietnamitas ocuparam a embaixada americana em Saigon, na ofensiva do Teth, culminando uma série de derrotas norte-americanas no Vietnã. Na América Latina, lutava-se contra as ditaduras que expandiam seus domínios com apoios

---

<sup>3</sup> A Frente Ampla, movimento político que uniu Carlos Lacerda, João Goulart e Juscelino Kubitschek contra a ditadura militar, foi proscribida após o AI-5 através da Portaria nº 177 do Ministério da Justiça.

<sup>4</sup> Em 28 de março de 2008, após 40 anos de sua morte, foi inaugurada uma estátua em homenagem ao estudante Edson Luís na praça Ana Amélia (entre a avenida Churchill e a Rua Santa Luzia), no centro do Rio.

internos e externos e muita repressão. A ideia da liberdade e dos direitos civis percorreram corações e mentes, principalmente entre os jovens das classes médias letradas e politicamente esclarecidas.

O assassinato de Martin Luther King, líder da luta pelos direitos civis dos negros norte-americanos, gerou uma crise nos EUA. Os mais moderados defendiam que as escolas deveriam ensinar a história dos negros americanos e sua luta política e os mais radicais defendiam um nacionalismo negro, julgando que os negros deveriam assumir o poder. As formas de manifestação nesta onda de radicalismo eram apresentadas na arte, na moda e até nos cortes de cabelo genuinamente africanos.

Os precursores de *O SOL*, Ana Arruda Callado e Reynaldo Jardim, possuíam este caráter desbravador, visto nos jovens do final da década de 1960. Ana Arruda com apenas 20 anos já era repórter no *Jornal do Brasil*, desde 1957. Foi a primeira mulher a chefiar uma redação, em 1966, no *Diário Carioca* e um ano depois em *O SOL*. Ganhou dois prêmios importantes do jornalismo engajado em causas sociais: o prêmio Herbert Moses pela série de reportagens *Reforma Agrária: todo mundo fala, mas ninguém faz*, em 1958 e a Menção Honrosa do Prêmio Esso pela série especial sobre crianças de rua, em 1959.

Em 1973, Ana Arruda foi presa por 50 dias no Departamento de Operações e Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), após entrar para um grupo clandestino para lutar contra a ditadura. “Me sentia obrigada a fazer alguma coisa”, revelou em entrevista<sup>5</sup>. Quando ainda estava no *O SOL*, foi chamada para depor no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) e viu que em sua ficha estava escrito “terrorista infiltrada na imprensa”, sem nunca ter participado de nenhum movimento até então.

Ex-estagiário de *O SOL*, o jornalista José Ribamar Bessa, em crônica no seu *site* “Taqui Pra Ti”, fala sobre a figura de Reynaldo Jardim:

Reynaldo Jardim foi quem criou, em 1960, o Caderno B, do *Jornal do Brasil* e reformou muitos jornais em todo o país, inclusive *A CRÍTICA*, de Manaus. Por isso foi apelidado de macaco-inventor. Ana Arruda, sua cúmplice, pilotava os sonhos que juntos concebiam. Ambos observaram que todos os jornais se pareciam, que o leitor estava desinteressado, que o modelo jornalístico dominante no país não dava mais no couro e precisava ser implodido. Era necessário inovar a linguagem, a pauta, a temática, a diagramação e até mesmo a organização editorial. Conceberam, então, *O SOL*, um espécie de

---

<sup>5</sup> Entrevista Ana Arruda Callado à Revista Newslet por Alexandre Peconick em 15/10/2012. Acessado em 03/07/2013.

jornal-laboratório, destinado a ser campo de experimentação para jornalistas estreantes, supervisionados por profissionais experientes.

A geração de 1967/1968 foi marcada pela ambiguidade, mas por mais que haja críticas a esta juventude, que se preocupava mais com os fins do que com os meios, não se pode esquecer sua coerência em dar um sentido à vida. Muito longe do superficialismo, consumismo e indiferença política dos dias de hoje, havia um humanismo que reunia e simbolizava esta geração. O *SOL* nunca teria existido se não fossem essas influências que fizeram desta geração, jovens combatentes diretos da repressão.

“Éramos jovens Quixotes inflamados pelos anos sessenta e pela sede de liberdade, pura e enganosa causa. Alguém se empolgou com os sucessos e resolveu declarar que não éramos bandidos, e sim revolucionários expropriando bancos e atacando quartéis, preparando a guerra revolucionária que libertaria a nação dos militares, dos norte-americanos e dos latifundiários, para construir um país justo”. (Carlos Eugênio Paz, 1996, p.57).

## 1.2 O MOVIMENTO NACIONALISTA REVOLUCIONÁRIO (MNR)

Nos dias seguintes ao golpe militar, o ex-governador gaúcho e deputado federal pela Guanabara, Leonel Brizola, tentou organizar uma resistência política a partir do Rio Grande do Sul. Sem o apoio de seu cunhado para assumir a luta armada, juntou-se a ele em um exílio no Uruguai. Lá viveu por alguns anos, até ser perseguido pelo regime militar brasileiro, que passou a cassá-lo após o Ato Institucional (AI-1), de 09 de abril de 1964. Este ato possuía uma lista de cassados, com mais de cem nomes, inclusive o de Brizola.

O ex-governador gaúcho Leonel Brizola achava que viria de cá, do presidente, seu cunhado. Veterano militante do varguismo, saíra de uma infância pobre e, formado engenheiro, casara-se em 1950 com a irmã de Jango. Tivera Getúlio como padrinho. Devia muito de sua carreira ao presidente, mas o cunhado devia à sua tenacidade o levante das forças civis que lhe permitiram assumir a Presidência, durante a crise de 1961. Fazia tempo que Brizola repetia: “Se não dermos o golpe, eles o darão contra nós”. (Elio Gaspari, 2002, p.51 e 52).

No Uruguai, se uniu a outros descontentes com o regime. Assim que chegou ao país, reuniu todos os exilados e fez um discurso inflamado. É possível afirmar que este grupo seria o embrião do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR).

Brizola reuniu os sargentos e marinheiros expulsos das corporações e perseguidos pelos militares, e tinha como aliados, entre outros, o ex-deputado Neiva Moreira, o seu assessor no governo do Rio Grande do Sul, Paulo Schilling, o ex-deputado pelo PSB, Max da Costa Santos e o coronel Dagoberto Rodrigues.

A partir daí, os planos para a luta armada começaram a tomar novos rumos. A estratégia era iniciar três focos de guerrilha ao mesmo tempo: na Serra do Caparaó (divisa de Minas Gerais e Espírito Santo), no norte do Mato Grosso (fronteira com a Bolívia) e no oeste do Maranhão. Desta forma, ele retornaria ao Brasil, sem que ninguém percebesse.

Em todo caso, Brizola aplicaria aqui uma espécie de versão do foco, uma tradução que imprimiria sua marca. Previa que, juntamente com o foco, haveria um elemento surpresa, ele próprio. Assim que as três frentes acontecessem ele entraria no Brasil e, sem ninguém saber ao certo sua localização e com seu poder pessoal de mobilização, levantaria as forças populares, dividiria as Forças Armadas e daria um contragolpe. (Denise Rollemberg, 2001, p.15).

Cuba viu em Brizola uma oportunidade de aplicar a exportação da Revolução Cubana<sup>6</sup>, com isto financiou e ofereceu treinamento aos guerrilheiros do MNR, que não era ainda uma organização, mas um projeto. O treinamento durou cinco meses, com aulas na cidade e nas montanhas, onde ensinavam noções sobre armamento, explosivos, minas, bombas e geografia; tudo em preparação para a primeira guerrilha. Durante cinco meses, 14 homens se instalaram na Serra de Caparaó, em outubro de 1966. Devido às condições muito precárias e sem apoio dos camponeses, os guerrilheiros foram capturados no final de março de 1967 pelos militares. Com isto, Brizola desarticulou as outras frentes.

Diante desta situação, no inverno de 1967, Brizola deu ordens para desmobilizar o que havia do foco de Imperatriz (Maranhão). Hoje parece difícil entender um projeto que previa subverter um país, com as dimensões do Brasil, a partir de quatorze homens. (Denise Rollemberg, 2001, p.18).

Em setembro daquele mesmo ano, o primeiro exemplar de *O SOL* foi para as bancas e desde o início, já deixava nítida sua linha editorial. Segundo o autor Bernardo Kucinski, os remanescente do MNR se aproximaram do grupo de artistas, jornalistas e intelectuais cariocas engajados na discussão de um jornal que fosse

---

<sup>6</sup> A Revolução Cubana foi um movimento armado que derrubou do poder o ditador Fulgencio Batista no dia 1 de janeiro de 1959, pelo Movimento 26 de Julho liderado por Fidel Castro. Com o processo revolucionário foi implantando o sistema socialista em Cuba.

uma escola de jornalismo, para disseminar suas ideias. Alguns estagiários foram recrutados ainda dentro do jornal. O jornalista e ex-guerrilheiro Jorge Pinheiro foi um dos estagiários recrutados dentro do jornal. Jorge ligou-se ao MNR quando começou a trabalhar no *O SOL*. O objetivo do MNR era organizar uma nova guerrilha. Em depoimento ao jornalista Bernardo Kucinski, Jorge explica:

Era um projeto político do MNR para atrair jovens e organizar uma nova guerrilha, mas muitos dos participantes de *O SOL* nem sabiam disso. Eu fui recrutado lá dentro. O MNR já tinha feito a primeira guerrilha e estávamos nos organizando para outra...houve grande influência da revolução cubana. Resolvemos nuclear jovens, utilizando o jornalismo. Venderam a ideia ao dono do jornal argumentando que os leitores de esporte tinham que comprar um segundo jornal para se informarem de outros assuntos. Em vez disso, o leitor teria uma revista semanal, com todas as notícias. Montaram um concurso, no qual escolheram não só os bons jornalistas, mas também os que tivessem certas definições políticas. (Bernardo Kucinski, 1991, p.39).

Mesmo com toda esta articulação, o regime nunca identificou este envolvimento.

Desde o início, *O SOL* foi objeto de relatórios detalhados do DOPS carioca e do Centro de Informações da Marinha (Cenimar), que apontavam para o “perigo que representava, tendo em vista a penetração de um jornal de esportes o jornal nas camadas populares”. Os relatórios mencionaram “o curso de jornalismo orientado por Carlos Heitor Cony, e cujos alunos em sua maioria foram escolhidos entre estudantes em sua maioria sem experiência”. Mas nunca detectaram vínculos com o MNR. “Até o momento ainda não se definiu claramente sua tendência política”, diz um dos relatórios. (Bernardo Kucinski, 1991, p.39).

## CAPÍTULO 2

### AS PRINCIPAIS MANCHETES DE OPOSIÇÃO

As matérias veiculadas em *O SOL*, em sua maioria, eram relacionadas à política e à cultura. Na editoria de política, que ganhava a primeira página em quase todas as edições, o jornal esbanjava críticas ao governo e apresentava a esquerda como solução para um contragolpe.

Em 1967, no governo do marechal Costa e Silva, no auge da Frente Ampla e da guerrilha de Che Guevara na Bolívia, as notícias, quase diariamente, abordavam questões sobre estes assuntos. Guevara praticamente não saía da capa. Na edição do dia 10 de outubro, quando todos os jornais anunciavam a sua morte, *O SOL* desmentia a notícia.

A Frente Ampla era outro alvo do jornal, a princípio contra, – quando Brizola achou a atitude do cunhado inaceitável –, depois a favor – quando Brizola foi convidado a participar do grupo. O grupo político lançado a partir de um manifesto do jornalista Carlos Lacerda no jornal *Tribuna da Imprensa*, defendia eleições diretas, reforma partidária, desenvolvimento econômico e adoção de política externa soberana.

Apenas três dias após o lançamento de *O SOL*, Lacerda viajou para o Uruguai para se encontrar com Jango e com o representante de Juscelino, o deputado do MDB, Renato Acher. No dia 25, uma nota com a assinatura dos três políticos foi publicada em apoio à Frente Ampla, depois de muita resistência de Goulart<sup>7</sup>. A nota dizia: “Hoje está comprovado que Jango não é um homem do Partido Comunista nem eu dos Estados Unidos”.

O acordo irritou a “linha dura” do governo e também a Brizola, que exilado no Uruguai, emitiu nota condenando a atitude do cunhado. No dia 27 de setembro, *O SOL*, divulgou na primeira página “*Jango traiu Vargas*”. Era ou não era o porta voz do pensamento de Brizola? A Frente Ampla poderia ser uma das principais organizações da época capaz de enfrentar o regime militar, mas era concorrente direto do MNR. Anos depois, os três políticos morreram de forma misteriosa e em datas muito próximas, o que até hoje deixa dúvidas sobre a verdadeira causa das suas mortes. Muitos acreditam em assassinatos políticos.

---

<sup>7</sup> Carlos Lacerda foi praticamente o causador do suicídio de Getúlio Vargas, um dos seus maiores opositores. E Getúlio Vargas foi quem lançou João Goulart na política.

Em seguida serão analisadas quatro matérias referentes à Brizola, Frente Ampla, João Goulart e Che Guevara, que confirmam as afirmações feitas neste capítulo. Será possível, também, verificar como a diagramação do jornal era diferenciada. Caracterizava-se pela divisão da página em quatro partes (A, B, C e D), o que permitia que o jornal fosse dobrado e lido com mais praticidade. As edições tinham em torno de 10 a 12 páginas, em formato standard, e não circulava às segundas-feiras. Todos os exemplares eram veiculados como encarte do *Jornal dos Sports*, e sua publicação diária deu-se entre 21 de setembro e 26 de novembro de 1967. Esses exemplares podem ser consultados na Biblioteca Nacional, no centro da cidade do Rio de Janeiro.

## 2.1 CHE



Sou um aventureiro diferente, diz a carta que lhe atribuem. A lenda cresce. Os bolivianos dizem que Ernesto Guevara opera no país. Ramón é seu nome de guerrilha. E Barrientos apresenta as fotos de Che. (*O SOL*, 23/09/1967).

Mas ninguém acreditou. Em 1966, após a Revolução Cubana, Che Guevara abandonou seu cargo no governo de Fidel Castro e decidiu continuar no campo de batalha. Organizou um movimento para dar fim ao governo então vigente na Bolívia. O país, um dos mais pobres de todo o continente, havia se transformado numa ditadura alinhada aos interesses dos EUA. Em julho daquele mesmo ano, René Barrientos conseguiu ser eleito presidente. Durante o seu mandato manteve uma aliança com os militares e camponeses, e teve como oposição os mineiros e trabalhadores.

A Guerrilha de *Ñancahuazú*, liderada por Guevara, foi formada por bolivianos e cubanos que tinham a intenção de criar um foco de resistência armada para derrubar o governo boliviano. O jornal *Estado de São Paulo*, em matéria divulgada em 10 de agosto de 2013, afirma que em 1967, os militares brasileiros não acreditavam que Che estivesse na Bolívia.

Apesar do interesse pela movimentação no país vizinho, os brasileiros tinham informações mais precisas coletadas junto às autoridades bolivianas. Mesmo assim, pareciam duvidar de alguns dados valiosos obtidos. Em relato de agosto de 1967, militares brasileiros ainda não acreditavam no relato de que Che Guevara já atuava em território boliviano com o codinome Ramón. Apesar da descrença brasileira, Che seria morto pelas forças bolivianas apenas dois meses depois.

Segundo *O SOL*, os EUA também não acreditaram. As fotos foram apresentadas pelos bolivianos na OEA (Organização dos Estados Americanos) para 30 jornalistas. “Apesar da veemência das denúncias, os chanceleres (americanos) ficaram cautelosamente à espera de dados técnicos para confirmar o veraz das fotos”. Esta matéria foi veiculada em 23 de setembro de 1967, Che estava na Bolívia desde 03 de novembro de 1966 e os ministros bolivianos tentavam obter o apoio dos EUA para travar os planos do guerrilheiro.

O fato de os EUA não acreditarem, naquele primeiro momento, que Che estava na Bolívia, dava a ele a chance de não ser combatido por tropas mais bem preparadas. Era de interesse do jornal que continuassem não acreditando neste relato. Desde quando Che deixou Cuba, houve muitas versões sobre o seu

paradeiro. Chegou a estar em 10 lugares ao mesmo tempo e até cogitaram a ideia de que Fidel o teria matado. Quanto mais demorassem em encontrá-lo, melhor seria para o projeto de implantação da guerrilha por Che, quanto para seus seguidores. E O SOL, não ficava de fora desta lista.

## 2.2. CHE PODE ESTAR VIVO



Em 10 de outubro, um dia depois de ter sido assassinado pelos militares com ordens da CIA, O SOL quis acreditar que não, mesmo quando todos os outros jornais anunciaram este fato. Na matéria dizia:

Pelas selvas da Bolívia desliza uma sombra. Seguem-na o medo dos governantes transformados em exércitos. Assim nasce a lenda. Assim vive um homem. Dez vezes noticiada sua morte, dez vezes desmentida. O cerco aperta-se em torno da sombra. Um general anuncia que exporá ao público o corpo da sombra. Os dados concretos chegam pingados, o comunicado oficial diz que há 90% de possibilidade do cadáver ser de "Che". Restam 10%. Fica o desafio. (O SOL, 10/10/1967).

As notícias sobre Che, sempre saíam nas áreas A e/ou B do jornal, o espaço mais nobre, que tem maior visibilidade. E foi em A e B, que O SOL publicou uma biografia dedicada ao guerrilheiro, com tom de apoio aos atos do revolucionário, que tinha como principal objetivo instituir o socialismo revolucionário na América Latina, derrotar a ditadura instalada na Bolívia e se libertar do jogo norte-americano.

Com o anúncio da morte, O SOL não somente deixou seu recado, como citou um dos textos de Che, *Guerra de guerrilha*, que relata o processo revolucionário em Cuba.

Mas a morte para ele era irrelevante. Sabe que fica o desafio. Tentou mostrar que o desafio tinha condições de viabilidade. O raciocínio baseia-se num paradoxo: a bomba atômica (EUA), devido o seu excesso de poder de destruição é impotente para acabar com a guerrilha (...). A chama acesa na Bolívia ainda não foi extinta. Numa guerrilha, diz o manual que escreveu, o importante é começar. Depois do começo a própria necessidade de lutar vai ensinando o caminho, o conhecimento teórico apriorístico e válido, estão escritos em "Guerra de Guerrilha", mas não essencial. Falar fazendo. Morrer fazendo. (O SOL, 10/10/1967).

O texto foi uma afronta para a ditadura brasileira, pois deixou bem claro que pouco importa se é verídica a notícia de sua morte ou não, pois Che podia estar morto, mas não seria possível matar seus ensinamentos. A guerrilha continua, mesmo sem ele, e sua imagem se perpetua pela eternidade.

### 2.3. JANGO TRAIU VARGAS/ LACERDA QUER BRIZOLA NA FRENTE



“Coerência, meu filho, coerência”, disse a deputada Iara Vargas, considerando a aliança Jango-Lacerda em Montevideu, “uma contradição suprema de Jango aos ideais de Vargas” (...). Quanto a Lacerda prefere “ser internada num hospício a discuti-lo” (...). Estou como Brizola: “firme aos meus ideais e concordo com a sua visão da política atual”. Brizola, exilado no Uruguai considera a decisão de Goulart uma falta de fidelidade a princípios, igual a que o fez perder autoridade quando presidente. (*O SOL*, 27/09/1967).

Getúlio Vargas e João Goulart não tinham ligação somente atrelada à política. Os dois eram de famílias tradicionais do Rio Grande do Sul e possuíam um vínculo de amizade. Segundo depoimento de Iolanda Goulart, irmã de Jango, é possível perceber o grau de relacionamento entre as famílias.

Nossa família era muito amiga dos Vargas. Meu padrinho era o general Vargas, pai de Getúlio. Ele era muito amigo da minha avó e disse para a minha mãe, quando ela estava grávida: esse que vai nascer aí vai ser meu afilhado. (Ângela de Castro Gomes e Jorge Ferreira, 2007, p. 19).

A reafirmação desses laços aconteceu em 1945 com a iniciação de Goulart na política sob a tutela de Getúlio. Jango iniciou a sua carreira política aos 26 anos de idade, com a organização do PTB. Foi deputado estadual, deputado federal, secretário do Interior e da Justiça, presidente nacional do PTB e ministro do Trabalho no segundo governo Vargas. Em pouco tempo, exerceu vários cargos públicos.

Já Carlos Lacerda era anti-Getúlio. Foi o coordenador da oposição à campanha de Getúlio à presidência em 1950. Tentou derrubá-lo ao se unir com militares golpistas e a UDN, através de acusações que publicava em seu jornal, *Tribuna da Imprensa*. Em 05 de agosto de 1954, Lacerda foi vítima de um atentado na porta do prédio onde morava na Rua Tonelero. No atentado, quem acabou atingido foi o major da Aeronáutica Rubens Vaz, que tentava protegê-lo das ameaças que vinha sofrendo, praticamente um de seus guarda-costas. Lacerda foi atingido de raspão e medicado em um hospital. De lá mesmo, acusou os homens do palácio do Catete como mandantes do crime. Em seguida publicou um artigo pedindo a renúncia de Getúlio. Muitos responsabilizam Lacerda pelo suicídio de Vargas, que aconteceu pouco tempo depois do atentado, no dia 24. Por isso, a união de João Goulart e Carlos Lacerda significou uma traição à família de Vargas.

Brizola também ficou contra esta união e divulgou uma nota em que deixou claro sua opinião em relação à atitude do cunhado e à Lacerda. O motivo desta revolta poderia ser de cunho histórico, como também um resultado de seus interesses políticos, pois a Frente Ampla significava uma boa parcela de votos com a união de três grandes figuras da política brasileira, e uma ameaça ao MNR.

Lacerda, de forma estratégica, convidou Brizola para participar da Frente, era melhor tê-lo como aliado, que opositor; mas o convite foi recusado.

Depois do sucesso das articulações que culminaram com o encontro Jango-Lacerda, as altas rodas da Frente Ampla admitem, plenamente, a adesão do ex-deputado Leonel Brizola ao movimento. A própria nota de Brizola é uma abertura, dizem. A verdade é que os homens da Frente estão convencidos de que Brizola, dentro de três meses, terá mudado radicalmente suas ideias sobre uma revolução armada no Brasil, passando a aceitar a tese da redemocratização e retomada do desenvolvimento pregada pelos frentistas. Restaria,

praticamente, um último obstáculo a superar: seu ressentimento com o cunhado. Brizola desde que foi para o exílio ainda não conversou uma só vez com Jango. Mas isso comenta-se no Uruguai, é uma questão a ser resolvida em família. Não tendo outra alternativa, temendo ser marginalizado pelas classes trabalhadoras, Brizola aderirá a Frente. E, em dezembro, convidará Lacerda para uma visita ao Uruguai, nos mesmos moldes da que foi feita a Jango. Dos líderes políticos banidos da vida pública pela revolução, apenas Jânio fica de fora da Frente. Mas ele tem suas razões. (*O SOL*, 29/09/1967)

Mesmo com a derrota na Serra do Caparaó, Brizola ainda não havia, naquele momento, enterrado os projetos de luta armada pelo MNR e ainda considerava a atitude do cunhado uma “falta de fidelidade aos princípios”.

Ninguém esperava, contudo, a dura reação de Leonel Brizola, que, depois de avisar que se recusava a receber o ex-governador e integrar a Frente Ampla, distribuiu uma nota em que acusava: “Foi Lacerda, como ponta de lança dos grupos internacionais, que levou o Presidente Vargas ao desespero (...). Como governador da Guanabara, foi liberticida, um verdugo policial, um tirano”. Dizia ainda Brizola que Lacerda “continua o de sempre”, pois, “até agora, nada fez de concreto ou definitivo que permitisse mudar meu julgamento a respeito”. Mas a rajada maior da reação brizolista foi contra João Goulart, com quem já estava de relações cortadas. “Não me surpreendes que Goulart se entenda com Lacerda, e o que me cabe é desejar-lhe boa sorte em tão boa companhia”. E detalhou que “foi essa mesma falta de fidelidade e princípios que Goulart foi perdendo sua autoridade de presidente e acabou deposto com considerável facilidade”. Brizola ainda tocou num ponto sensível, ao se referir à condição de Jango de herdeiro de Vargas e portador do documento em que o Presidente “se despediu da vida para entrar na história”, ao afirmar: “O sacrifício do presidente Getúlio Vargas e sua carta-testamento não podem ser esquecidos assim tão facilmente”. (FC Leite Filho, 2008, p. 328).

### CAPÍTULO 3 O FIM DO JORNAL

Problemas financeiros, pressão da ditadura, estreitamento da liberdade de imprensa com o AI-5, conflitos internos entre os jornalistas. Não existe um motivo concreto que responda por que o jornal durou tão pouco tempo, provavelmente todas as suposições estejam corretas e a união delas foi a razão de *O SOL* ter deixado de brilhar naqueles dias de escuridão.

Para Kucinski o jornal acabou por ser muito revolucionário. Não cabia circular em um jornal de massa, como o *Jornal dos Sports*. Em entrevista com Jorge Pinheiro, ele afirma:

Questões políticas, tom irreverente, corte de verba publicitária

Apesar de seu relativo sucesso, a elevação de custos acarretada pela produção de um suplemento de tal qualidade fez parte dos sócios da empresa exigir seu fim, “inclusive porque era muito contestador”. Em novembro de 1967, o *Jornal dos Sports* parou de distribuir os encartes do *O SOL* e também do *Cartum JS*, produzido por Ziraldo, pondo fim a essa experiência rara de jornais alternativos embutidos dentro de um jornal convencional (...). Ziraldo atribuiu o fechamento de *O SOL* ao dramaturgo Néelson Rodrigues, irmão do proprietário. (Bernardo Kucinski, 1991, p. 39).

Em 26 de novembro de 1967, *O SOL* deixou de circular no *Jornal dos Sports*, e passou a ser autônomo. Apenas dois meses depois, em 05 de janeiro de 1968, deixou de circular diariamente. Sobreviveu como semanário ao criarem um jornal menos contestador, que não chamava tanta atenção, com ajuda do advogado, depois deputado federal Pedro Paulo Lomba: o *Poder Jovem*, a princípio circulou no Rio de Janeiro até fevereiro, em seguida passou a circular em Minas Gerais, até novembro. Em entrevista com Ana Arruda, Kucinski revela:

“Em *O SOL* queríamos a revolução; *PODER JOVEM* era mais alegre, menos revolucionário”. Saíram quatro edições no mesmo standard de *O SOL*, em fevereiro de 1968. Tinha como editora Ana Arruda e, como secretário, Galeno de Freitas. Na equipe, ainda, Reynaldo Jardim, Martha Alencar, Maria José Lourenço e Jorge Pinheiro. Todos, nomes que apareciam em outros jornais alternativos. Cada capa de *PODER JOVEM* era um pôster, desenhado por um artista gráfico: a própria Martha Alencar, Ziraldo, então no apogeu de sua criatividade, Fortuna. (Bernardo Kucinski, 1991, p. 39).

O ano de 1968, foi “o ano que não acabou”, ficou marcado na história mundial como um momento de grandes contestações. No Brasil, aquele ano foi marcado

pelo AI-5, o mais duro golpe do regime militar, criado após uma série de fatores que afrontavam o governo, entre eles, o movimento estudantil que trazia novas demandas em prol da liberdade, com temas como “é proibido proibir”. Era o ano da repressão, que de certa forma, influenciou para o fim do jornal. A edição de 04 de novembro de 2006 do jornal *Tribuna do Norte* em entrevista a Tetê Moraes, revelou:

Havia pressão dos setores militares antes do AI-5, embora ainda não houvesse censura instalada. O problema é que passaram a ligar também para o *Jornal dos Sports*, que bancava O SOL, e ameaçaram o jornal de retirar a publicidade. Passamos, então, a ser uma experiência ameaçadora: um bando de 50 jovens rodeados de editores famosos fazendo um jornal criativo e irreverente contra a ditadura e a guerra do Vietnã. Até que os donos do *Jornal dos Sports* demitiram o Otto Maria Carpeaux, um dos colaboradores do SOL, e chamou Reynaldo Jardim para dizer que não dava mais. No mesmo dia, ele reuniu a redação e avisou que o jornal iria acabar.

### 3.1. O PODER JOVEM

Um pouco antes de O SOL encerrar suas atividades, o jornal *Poder Jovem* era apresentado como um novo projeto alternativo. O SOL, depois que se desvinculou do *Jornal dos Sports*, passou por mais dificuldades financeiras. Ninguém queria anunciar em um jornal com a diagramação tão diferente. Os títulos não eram títulos, nenhuma matéria excedia um quarto de página, a ideia era imitar uma história em quadrinhos. Sem contar as matérias irreverentes, como por exemplo: “FMI é o FIM”, veiculada em torno das últimas edições e parte do motivo de seu fechamento.

No documentário de Tetê Moraes *O SOL: Caminhando contra o vento*, que na verdade foi uma grande festa de reencontro de todos os colaboradores, Ana Arruda comenta sobre esta matéria, e relembra em entrevista no livro *Elas ocuparam as redações: depoimentos ao CPDOC*:

Você lembra do famoso título “FMI é o FIM”? É um caso muito engraçado para se ver essa história de memória. Na festa, todo mundo lembrava que tínhamos feito esse título, que foi a razão, inclusive, de o jornal fechar. Houve uma reunião do FMI aqui, e esse foi o título da página de economia. Mas várias pessoas na festa, inclusive Zuenir, quando viram a página, ficaram decepcionados, porque na memória delas aquilo tinha sido manchete do jornal. Realmente, tinha sido pensado para ser manchete, inclusive o formato. Mas não foi, porque José Eduardo Padilha, um pouco preocupado, já tinha botado um editor de economia da confiança dele, que disse: “Manchete! Não pode pelo amor de Deus!”. Aí nós concedemos e botamos em página interna. (Ana Arruda em depoimento a Alzira Alves Abreu e Dora Rocha, 2006, p. 35)

O *SOL* foi um sucesso na classe jornalística, mas insucesso de público geral. A venda era escassa e foi um fracasso empresarial. Além dos problemas internos. Tarso de Castro foi contratado para dar aulas, mas foi demitido por não gostar de lecionar e dizer uma porção de bobagens aos alunos. Zuenir Ventura participou de todo o planejamento, mas quando o jornal ia começar, achou que seria aventura demais para ele e resolveu sair. Segundo Ana Arruda “metade das pessoas queria fazer guerrilha e a outra metade queria ser *hippie*... era uma redação diferente”<sup>8</sup>.

Quando viram que *O SOL* não ia dar mais, lançaram o *Poder Jovem*, era um semanário, e só saíram quatro números. Os remanescentes de *O SOL*: Reynaldo Jardim, Martha Alencar, Ana Arruda, Tetê Moraes e mais alguns estagiários se reuniam na TV Continental para fazer o jornal. A TV Continental, na época, estava quase falindo, o dono, Rubens Berardo, havia entregado a estação a Fernando Barbosa Lima, que foi quem os convidou.

Eles fundaram uma cooperativa chamada *Poder Jovem* e começaram a fazer programas de TV, além dos jornais, que eram vendidos por eles mesmos na praia de Ipanema ou pelas ruas do centro do Rio. O programa não tinha audiência

Quando *O SOL* entrou em ocaso, dezembro de 1967, Reynaldo, Ana Callado e seus 50 repórteres criaram uma cooperativa jornalística que editou durante alguns meses o semanário *Poder Jovem*, vendido nas ruas por nós mesmos. Um dia, fui flagrado por meu primo Sebastião Mendonça, na Praça Mauá: - Você é jornalista ou jornaleiro? – me perguntou ele, surpreso. É que, com Reynaldo, os limites dessas coisas ficavam difusos, a gente fazia tudo e qualquer coisa, até televisão, se fosse preciso. (José Ribamar Bessa).

---

<sup>8</sup> Entrevista para o livro - *Elas ocuparam as redações: depoimentos ao CPDOC*. Editora FGV - RJ, 2006.



### 3.2. 1968, O ANO DO AI-5

Em 1968, a oposição da classe média à ditadura extravasou através do movimento estudantil, que ganhou as ruas em todo o país e deu um caráter de massas - olha o dedo do passado no meu texto - à contestação política. As manifestações, inicialmente, foram reprimidas a golpes de cassetete e cargas de cavalaria. No final do ano, já eram dispersadas à bala. No mesmo ano, operários metalúrgicos - primeiro em Contagem (MG), depois em Osasco (SP) - entraram em greve e ocuparam as fábricas. Foram desalojados violentamente, mas deixaram a senha de que um novo movimento operário, mais radicalizado e mais moderno, estava em gestação. Enquanto isso, a oposição política contra a ditadura rearticulava-se com a fundação da Frente Ampla, que reuniu João Goulart, Juscelino Kubitschek e Carlos Lacerda, respectivamente, ex-adversários e líderes dos principais partidos extintos, o PTB, o PSD e a UDN. Acuado, o regime militar reagiu com o AI-5, endurecendo ainda mais a ditadura: Congresso fechado por uns tempos, ministros do Supremo afastados, mais deputados e senadores cassados, censura prévia na imprensa, prisões em massa e utilização sistemática da tortura contra os presos políticos. A instalação do regime de terror se

paralisou parte da oposição, radicalizou outra. Milhares de jovens, julgando que não tinham qualquer possibilidade de atuação legal contra o regime, escolheram o caminho das armas. (Carlos Eugênio da Paz, 1996, p.10)

Em dezembro de 1968, o AI-5 entrou em vigor e foi o mais duro golpe que deu poderes quase absolutos ao regime militar. Os motivos para a repressão foram vários, entre eles os movimentos estudantis, a criação da Frente Ampla – cujas atividades foram suspensas pelo ministro da Justiça, Luís Antônio da Gama e Silva, em abril de 1968; e greves – como a greve dos metalúrgicos em Osasco, primeira greve operária desde o início do regime. Com isto, o presidente Costa e Silva tomou providências mais energéticas para controlar as manifestações de qualquer ordem. O diagnóstico militar, nas palavras do ministro do Exército, Aurélio de Lira Tavares, era o de que havia “um processo bem adiantado de guerra revolucionária” liderado pelos comunistas.

Meses antes do decreto de 1968, o regime já demonstrava que seguiria um caminho mais “linha dura”. Desde 1964, havia censura aos meios de comunicação e à indústria cultural, o que englobava a editoração de livros e revistas, a produção cinematográfica e teatral, a composição de músicas e programas de TV. Apenas um mês antes do AI-5 (novembro de 1968), foi criado o Conselho Superior de Censura com base no modelo norte-americano de 1939. Com a chamada lei da censura (Lei 5.536 de 21 de novembro de 1968) os agentes censores vetavam toda forma de subversão segundo seus critérios. Entre 1968 e 1978 mais de 600 filmes, 500 peças teatrais, vários livros e assuntos escolares foram proibidos pela censura. Sem contar o número de músicas, quem mais sofreu repressão. Diversos ex-integrantes de O SOL foram presos e torturados, inclusive a editora chefe, Ana Arruda, que em depoimento à revista *Newsletter*, em outubro de 2012, revelou:

Sentia-me obrigada a fazer alguma coisa. E fui presa em 1973. Fiquei no DOI-CODI por 50 dias. Não me pergunte detalhes porque tenho horror em falar. Quando eu estava no SOL, anos antes de ser presa fui chamada ao DOPS para depor e na minha ficha estava escrito: “terrorista infiltrada na imprensa”. Ora, eu nunca havia participado de nenhum movimento até então. Nunca peguei uma arma ou fabriquei uma bomba em minha vida, mas era assim que eles qualificavam pessoas que se manifestavam livremente, sem medo. Eles faziam o mesmo que os americanos fazem hoje com os islâmicos. Basta ser de religião islâmica que eles já dizem “que é terrorista”. Era uma situação puramente de pensamento: ideológica. Quem pensasse diferente era terrorista.

Assim que o AI-5 entrou em vigor, foi decretado o recesso do Congresso Nacional por tempo indeterminado, e só foi reaberto em outubro de 1969, com a escolha do general Médici para presidente. Costa e Silva não conseguiu terminar seu mandato devido a problemas de saúde.

O mandato presidencial do general Médici ficou marcado como o mais repressivo do período da ditadura. Exílios, torturas, prisões e desaparecimentos de cidadãos fizeram parte do cotidiano da sociedade. O DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) e o DOI-CODI (Destacamento de Operações e Informações-Centro de Operações de Defesa Interna) foram criados para repressão militar. Com a censura, todas as formas de manifestações artísticas e culturais sofreram restrições. No final do governo Médici, as organizações de luta armada foram dizimadas.

Na área econômica, houve captação de recursos e de financiamentos externos, que representou a fase áurea de desenvolvimento do país, o famoso "Milagre Econômico". Todos esses recursos foram investidos em estradas, portos, hidrelétricas, rodovias e ferrovias, servindo como base de sustentação do vigoroso crescimento econômico. O PIB chegou a crescer 12% ao ano e milhões de empregos foram gerados.

Esse modelo de desenvolvimento beneficiou a economia em curto prazo, pois o país acumulou uma dívida externa cujo pagamento ficou incalculável. Médici foi quem escolheu seu sucessor, o general Ernesto Geisel, que pegou o fim do "Milagre Econômico". Houve aumento no preço do petróleo, recessão da economia mundial e diminuição de investimentos estrangeiros, que interferiram negativamente na economia do país.

No fim do mandato de Geisel, as repressões haviam diminuído e as oposições políticas e estudantis começaram a ser reorganizar. O general João Batista Figueiredo, o sucessor de Geisel, foi o último presidente militar e encerrou o período da ditadura militar, que durou mais de duas décadas. O fim da ditadura aconteceu no último ano do governo de Figueiredo, com as "Diretas Já", mobilizando a população em defesa das eleições para a escolha do próximo presidente da República.

## CONCLUSÃO

O *SOL* foi efêmero, mas deixou um legado para o jornalismo que não se pode negar. Foi de encontro a uma das piores ditaduras da América Latina com seu tom irreverente. Apoiou a luta armada, os movimentos estudantis e revolucionou na diagramação, chefiada por Reynaldo Jardim. A nata do jornalismo participou da redação de *O SOL* e grandes nomes da cultura brasileira colaboraram para o projeto dar certo. Como disse Caetano Veloso no documentário de Tetê, “o sonho acabou, mas isso não é necessariamente uma má notícia”.

Logo depois de *O SOL*, surgiu um dos jornais mais importantes para a imprensa brasileira: *O Pasquim*; e muitos que um dia fizeram parte da redação chefiada por Ana Arruda, foram para *O Pasquim*, em 1969. O próprio idealizador do jornal, Tarso de Castro, já havia participado de *O SOL*, dando aulas no curso intensivo para os novos estagiários. *O Pasquim* era um jornal irreverente e anárquico, surgiu de uma ideia de criar, a princípio, uma revista porta-voz dos humoristas brasileiros. O nome do jornal foi escolhido por Jaguar e Ivan Lessa, e significa jornal ou panfleto difamador, *paschino* em italiano. Havia a necessidade de um humor comprometido com a realidade social. Tarso de Castro propôs à revista *Carapuça*, lançada em agosto de 1968, um espaço para os chargistas. Mas o prosseguimento foi interrompido com a morte de um dos donos, Sérgio Porto. Decidiram, então, fazer um novo jornal. Os fundadores oficiais foram: Tarso de Castro, Sérgio Cabral, Carlos Prospero (dono de uma agência de publicidade, que garantia os anúncios), João Carlos Magaldi (publicitário, posteriormente diretor da Central Globo de Produções) e Jaguar.

O jornal foi sucesso desde sua primeira edição, revolucionou com sua linguagem coloquial, e com apenas sete meses, estabilizou sua tiragem em 225 mil exemplares/semana. *O Pasquim* aumentou sua popularidade e começou a se tornar conhecido nos círculos culturais cariocas e do país. Um dos principais motivos foi o desconhecimento técnico de Jaguar, que por não ser jornalista, desconhecia as técnicas de escrita e edição das matérias. Desse modo, suas matérias logo eram reconhecidas pelo imprevisto na transcrição das entrevistas. Jaguar, que só queria fazer um jornal de humor, apresentou essa novidade. Usou a técnica de transcrever as entrevistas no estilo pergunta e resposta, algo que depois foi repetido pela grande

mídia impressa, com vários entrevistadores ao mesmo tempo. Portanto, a prática foi adotada por vários meios de comunicação até os dias de hoje.

Com improviso e falta de padronização, o jornal ajudou a posicionar a naturalidade da oralidade e das gírias no papel impresso, bem parecido com o que fazia *O SOL*. A possível influência estava diretamente ligada aos jornalistas e colaboradores que um dia fizeram parte do projeto, e posteriormente deram continuidade à irreverência, à linguagem coloquial e à linha de combate à ditadura através do *Pasquim*, mesmo com tom mais anárquico e apartidário. Entre alguns nomes estavam Martha Alencar, Ziraldo, Henfil, Tarso de Castro e Chico Buarque.

A ideia do jornal em quadrinhos, da linguagem despojada, da irreverência, dos títulos não títulos, que eram mais curtos e impactantes, contados pelo número de letras de acordo com o espaço do jornal. Tudo isso veio de *O SOL*. Em entrevista, Tetê Moraes, que trabalhou ao lado de Reynaldo Jardim, contou que Martha Alencar e Ziraldo participaram do projeto desde o início. Martha fazia parte da editoria de cultura, que era chamada de *Features* e Ziraldo desenhava para o jornal. Quando ambos foram para o *Pasquim*, levaram as ideias de *O SOL*.

O *Pasquim* foi publicado durante mais de 20 anos. Suas capas se tornaram históricas, polêmicas e até enigmáticas. São imagens que, ainda hoje, surpreendem os olhos acostumados com o jornalismo política e graficamente correto. Segundo depoimento do cartunista Angeli no documentário *O Pasquim, a subversão do humor* de 1999, “a imprensa inteira mudou devido a ele. Era difícil você ler uma entrevista despojada dentro de um grande jornal. *O Pasquim* trouxe um frescor maior ao jornalismo”.

Durante muito tempo, até a censura passou a ser aliada do *Pasquim*, pois servia de combustível para o humor e ironias contidas no jornal. Quando a censura acabou e com ela a onda de explodirem bancas de jornal, o objetivo do *Pasquim* também se perdeu, pois sua existência só fazia sentido num contexto de guerra contra a ditadura e em busca pela liberdade de expressão.

Em suma, o período de ditadura não representou apenas a morte, tortura e a prisão de muita gente, ela interrompeu um amadurecimento das consciências que é extremamente necessário para a construção cultural de um país. Foram 21 anos de poder exercido com mão pesada. Hoje é difícil apontar uma área que não tenha sofrido influência dos governos militares.

A grande imprensa brasileira não só dançou conforme a música, como também foi usada e criada como arma para manter os militares no poder. Muitas notícias eram manipuladas ou simplesmente não divulgadas. Mas aqueles que acreditavam na democracia e não fecharam os olhos para a opressão instalada no país, resolveram afrontar o governo, sem medo de perder a própria vida em favor desta crença. Durante o regime, foram criados mais de 150 jornais alternativos e *O SOL* foi um deles.

Não foi por acaso que grandes nomes do jornalismo brasileiro foram buscar abrigo e referência nos jornais alternativos. Em todos havia a tentativa de contestar o regime e a acomodação e benevolência da grande imprensa. Nas páginas dos alternativos era possível encontrar denúncias da violação dos direitos humanos, prática de torturas no DOI-CODI, discussões sobre o modelo econômico e a dívida externa, temas ecológicos e feministas, a luta armada, a campanha pela Anistia – essas eram as pautas que circulavam pelos jornais alternativos, e que trouxeram um pouco mais de conceito crítico para a formação do leitor brasileiro, ao contrário da política de pão e circo exaurida, de tão utilizada, pelo regime militar.

## Referências bibliográficas

### Livros

AARÃO, Daniel. *A revolução faltou ao encontro – Os comunistas no Brasil*. Editora Brasiliense, 1990.

ABREU, Alzira Alves e ROCHA, Dora. *Elas ocuparam as redações. Depoimentos ao CPDOC*. FGV Editora, 2006.

CHINEM, Rivaldo. *Imprensa Alternativa. Jornalismo de Oposição e Inovação*. Editora Ática SA, 1995.

GASPARI, Elio. *As Ilusões Armadas: A Ditadura Escancarada*. Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *As Ilusões Armadas: A Ditadura Envergonhada*. Companhia das Letras, 2002.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo, Scrittta Editorial, 1991.

MORAES, Tetê; ALENCAR, Martha. *Documentário O SOL. Caminhando contra o vento*. Produtora VEMVER Brasil, 2006.

PAZ, Carlos Eugênio. *Viagem à luta armada: memórias romanceadas*. Editora Bestbolso, 1996.

ROLLEMBERG, Denise. *Apoio de cuba à luta armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro*. Mauad Editora, 2001.

### Sites

*Ana Arruda Callado (Jornalista e Escritora) - Uma pioneira no "Olhar Feminino do Mercado"*. Disponível em

[http://www.grupolet.com/noticias\\_20121015\\_AnaArruda%20ENTREVISTA.asp](http://www.grupolet.com/noticias_20121015_AnaArruda%20ENTREVISTA.asp)

(Acessado em 03/07/2013 às 15:30).

*Jornal O SOL*. Disponível em

<http://midiaalternativabygc.blogspot.com.br/2007/04/jornal-o-sol.html>

(Acessado em 17/07/2013 às 14:54)

*O SOL. Das bancas de revista para a telona.* Disponível em  
[http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=11918](http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=11918)  
(Acessado em 06/03/2013 às 11:14)

*O SOL brilha no cinema.* Disponível em  
<http://www.literal.com.br/acervodoportal/o-sol-brilha-no-cinema-1488/>  
(Acessado em 17/07/2013 Às 15:04)

*Diálogos da Contracultura Brasileira.* Disponível em  
[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/dialogos\\_da\\_contracultura\\_brasil](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/dialogos_da_contracultura_brasil)  
(Acessado em 17/07/2013 às 15:05)

*O SOL nas bancas de revista, quem lê tanta notícia?* Disponível em  
[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/fritz\\_utzeri](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/fritz_utzeri)  
(Acessado em 06/03/2013 às 10:49)

*O SOL sem peneira da “Geração 68”.* Disponível em  
<http://tribunadonorte.com.br/noticia/o-sol-sem-peneira-da-geracao-68/25940>  
(Acessado em 06/03/2013 às 10:59)

*Grupos Revolucionários da Esquerda Armada no Brasil.* Disponível em  
<http://www.comunistas.spruz.com/guerrilha1.htm>  
(Acessado em 17/07/2013 às 15:44)

*A entrevista inventada.* Disponível em  
<http://www.taquiprati.com.br/home/apresenta-cronica.php?cronica=cronica01-08>  
(Acessado em 24/07/2013 às 14:37)

*O Sol que nasceu na primavera.* Disponível em  
[http://revcom.com.br/rc/Menu\\_MDC-Claudio-Lysias.htm](http://revcom.com.br/rc/Menu_MDC-Claudio-Lysias.htm)  
(Acessado em 29/07/2013 às 11:53)

*Lá se foi nosso jardim.* Disponível em  
<http://www.taquiprati.com.br/cronica.php?ident=902>

(Acessado em 29/07/2013 às 12:00)

*O Sol, um jornal contra o vento da ditadura.* Disponível em  
<http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/Jornal/Pais/%22O-Sol%22,-um-jornal-contra-o-vento-da-ditadura-1373.html>

(Acessado em 07/10/2013 às 10:05)

*O Pasquim, a subversão do humor.* Disponível em  
<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/materias/DOCUMENTARIOS/164411-O-PASQUIM---A-SUBVERSAO-DO-HUMOR.html>

(Acessado em 07/10/2013 às 10:30)